

"FUNÇÕES, EXPECTATIVAS E PERCEPÇÕES DOS ENFERMEIROS ASSISTENCIAIS, GRADUADOS PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, QUANTO À ATUAÇÃO NO PRIMEIRO EMPREGO"

ANNA DE FIGUEIREDO^a
DAVID ROBERTO DO CARMO^b

RESUMO

O trabalho procura identificar as funções desempenhadas pelos enfermeiros no seu primeiro emprego, suas expectativas e percepções em relação ao exercício profissional. Os resultados mostram, que as expectativas apresentadas por eles foram atingidas em sua grande maioria e que as percepções em relação ao exercício da profissão, não foram muito animadoras porque falta definição do seu espaço na equipe de saúde, maior autonomia com valorização da assistência e melhores condições de trabalho. Verificou-se também, que há uma certa coerência por parte dos enfermeiros na distribuição do tempo para o exercício das funções do cargo.

PALAVRAS-CHAVE: *Funções, expectativas, percepções do enfermeiro.*

1 – INTRODUÇÃO

Entre os profissionais de enfermagem tem-se notado, nestas duas últimas décadas, uma crescente preocupação no sentido de pesquisar as funções que estão sendo desempenhadas pelos enfermeiros em seus campos de atuação para se propor que os mesmos ocupem seu verdadeiro espaço na equipe de saúde.

Autores como ANGERAMI & ALMEIDA², referem que os limites de atuação do enfermeiro não estão bem definidos e que outros profissionais desempenham o que é sua atribuição, e, deste modo está perdendo cada vez mais o seu espaço de inserção ou de ação social na equipe onde trabalha. Os mesmos autores citam que tanto "o atendente, auxiliar e técnico, como o enfermeiro estão desempenhando as mesmas funções indiscriminadamente, quando deveriam desempenhar papéis diferentes porque possuem qualificações diferentes e percebem salários também diferentes".

FERREIRA SANTOS apud TREVISAN et alii¹⁵, enfatiza a necessidade de delimitação do papel de cada categoria de equipe de enfermagem, para eliminar os problemas existentes nas organizações, especialmente hospitalares, pois se tem observado, que o papel do enfermeiro não está bem definido nestas instituições, pois ocupam-se com funções administrativas.

Abordando o mesmo tema, MENDES¹² refere, citando vários autores (ADAMI, CARVALHO, DI LASCIO, HENDERSON, HORTA, KAMIYAMA, KRON LOMBER-

TSEN e OLIVEIRA) que a "função do enfermeiro é essencialmente assistencial e a administração dos serviços é atividade meio para que a primeira se efetiva".

Contudo, observa-se na prática, uma inversão das características de atuação do profissional de enfermagem. Procurando estudar algumas determinantes da situação conflitante da atuação do enfermeiro, ROTEMBERG apud BARROS & ARAÚJO⁴, analisa que as funções gerenciais em evidência, são influenciadas pelas próprias instituições de saúde, onde o profissional trabalha e que a dicotomia entre as práticas assistenciais e gerenciais, tem suas raízes no próprio desenvolvimento histórico social da enfermagem.

Sabe-se, que existem instituições que não reconhecem a necessidade de contratação do enfermeiro para planejar, coordenar e especialmente para prestar assistência de boa qualidade aos clientes, preferindo pessoal sem qualificação porque oneram menos a instituição; outras instituições, contratam o enfermeiro, não para prestar um cuidado mais qualificado, mas para atuar como "fiscalizador" das tarefas executadas pelos demais componentes da equipe de enfermagem.

Se considerarmos a importância dos aspectos sócio-econômicos, em relação à atuação profissional, é necessário, focar o aspecto da formação desse profissional, uma vez que a escola o prepara para prestar assistência ao paciente e a sociedade não valoriza sua função social.

ALMEIDA & OLIVEIRA¹, referem que alguns recém-graduados ingressam no mercado de trabalho sem mui-

a. Departamento de Enfermagem – CCS/Universidade Estadual de Londrina.

b. Departamento de Enfermagem – CCS/Universidade Estadual de Londrina.

ta preocupação do que poderão encontrar no exercício profissional. Porém, outros, antes de se empregarem procuram estágios nas instituições de saúde, para checar seus conhecimentos e adquirir maior habilidade técnica; outros ainda, ingressam em cursos de pós-graduação para se habilitarem antes de iniciar efetivamente a prática profissional.

A preocupação da integração do recém-graduado à vida profissional, foi analisada por ocasião do XXII Congresso Brasileiro de Enfermagem; os trabalhos apresentados enfatizaram que o desempenho do recém-graduado está diretamente relacionado à formação recebida no contexto de sua formação profissional, onde docentes e enfermeiros assistenciais devem desempenhar papéis de modelo. Também foi analisado, que a insegurança normal do recém-graduado, poderá ser amenizada, se as escolas demonstrarem interesse em sua carreira profissional, procurando auxiliá-lo em suas dificuldades.

Diante do exposto, e considerando a importância de uma avaliação no sentido de identificar as expectativas e percepções do recém-graduado integrado à vida profissional, nos propusemos a realizar o presente estudo com os seguintes objetivos:

- Identificar as funções exercidas pelos enfermeiros assistenciais graduados pela Universidade Estadual de Londrina, em seu primeiro emprego nas Instituições de Saúde na cidade de Londrina, no período correspondente aos anos de 1980 a 1986;
- Verificar as expectativas desses graduados em relação

as atividades que esperavam desempenhar como profissionais;

- Identificar as percepções desses graduados em relação a profissão de enfermagem.

2 – MATERIAL E MÉTODOS

O estudo baseou-se em dados provenientes de uma amostra de 34 enfermeiros, os quais foram selecionados obedecendo os critérios seguintes:

- Enfermeiros formados pela Universidade Estadual de Londrina, no período de 1980 à 1986, exercendo a profissão nas instituições de saúde da cidade de Londrina – Paraná.

Determinou-se este período, tendo-se como ponto de referência parte do tempo que um dos autores ocupou o cargo de diretora de enfermagem em hospital-escola e que ministrou a disciplina de Assistência de enfermagem, quando observou a ansiedade do recém-graduado ao ingressar na profissão.

Os dados foram coletados através de um questionário (Anexo I). Adotou-se a sistemática de entregar os questionários acompanhados de lista nominal dos participantes da amostra, afim de facilitar a distribuição, pois o instrumento não continha identificação, para evitar constrangimentos nas respostas assinaladas ou enunciadas.

3 – RESULTADOS

TABELA 1 – Distribuição dos enfermeiros, de acordo com o local de atuação e o cargo ocupado no primeiro emprego.

Local de Atuação	Hospital (grande, médio e pequeno porte)		Serviços Básicos de saúde		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Cargo Ocupado						
Enfermeiro-chefe do Serviço de Enfermagem	01	3,0	–	–	01	3,0
Enfermeiro-coordenador do Depto. de Enfermagem	–	–	01	3,0	01	3,0
Enfermeiro Supervisor	09	26,5	07	20,5	16	47,0
Enfermeiro-chefe de Unidade de Enfermagem	13	38,2	–	–	13	38,2
Extensionista rural	–	–	03	8,8	03	8,8
Total	23	67,7	11	32,3	34	100,0

TABELA 2 – Distribuição dos enfermeiros, de acordo com o tipo de sentimento apresentado no desempenho de suas funções, no primeiro emprego

Tipo de Sentimento	N.	%
Preparado	15	44,1
Inseguro	11	32,4
Ansioso	05	14,7
Desorientado	03	8,8
Total	34	100,0

TABELA 3 – Distribuição dos enfermeiros, de acordo com o atendimento de suas expectativas no início da carreira profissional.

Atendimento das Expectativas	N.	%
Sim	23	67,6
Não	11	32,4
Total	34	100,0

TABELA 4 – Distribuição dos enfermeiros, de acordo com a sua percepção sobre a profissão

Percepção sobre a profissão	N.	%
Necessidade de definição do seu espaço na equipe de saúde e de uma maior autonomia, com valorização da atividade assistencial, além de melhores condições de trabalho	20	58,8
Muita responsabilidade aliada a um desgaste físico e mental sem compensação financeira	07	20,6
A Universidade não prepara o aluno para assumir determinadas funções	05	14,7
Em processo de evolução, com maior valorização profissional, por outros elementos da equipe de saúde	02	5,9
Total	34	100,0

TABELA 5 -- Distribuição dos enfermeiros, de acordo com o tempo utilizado no desempenho das várias funções, no primeiro emprego

Tempo (em horas)	Funções	Planejamento da assistência aos clientes		Cuidados diretos aos clientes		Consulta de enfermagem		Ações gerenciais		Ações educativas		Pesquisa		Outras atividades	
		N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
1	2	14	41,2	04	11,8	10	29,4	11	32,4	20	58,9	05	14,7	05	14,7
2	3	10	29,4	15	44,1	05	14,7	10	29,4	02	5,9	-	-	02	5,8
3	4	01	2,9	03	8,9	02	5,9	03	8,8	01	2,9	-	-	-	-
4	5	02	5,9	04	11,8	-	-	03	8,8	-	-	-	-	01	2,9
5	6	-	-	01	2,9	-	-	01	2,9	-	-	-	-	-	-
6 a mais		-	-	01	2,9	-	-	03	8,8	-	-	-	-	-	-
Não resp.		07	20,6	06	17,6	17	50,0	03	8,8	11	32,3	29	85,3	26	76,6
Total		34	100,0	34	100,0	34	100,0	34	100	34	100,0	34	100,0	34	100,0

4 – DISCUSSÃO

Em relação ao local de atuação (tabela 1) dos enfermeiros, observa-se que os mesmos em sua maioria (67,7%) estão se dirigindo para o mercado de trabalho hospitalar, fato que nos permite inferir, que a formação recebida na escola ainda continua centrada na atenção terciária, com pouca ênfase aos aspectos de saúde de nível primário e secundário.

Esses dados corroboram os dizeres de SCOCH et alii¹³, segundo os quais a inovação do serviço hospitalar a partir da década de 40, alterou a situação do mercado de trabalho do enfermeiro; atualmente uma grande porcentagem dos profissionais de enfermagem está concentrada na área hospitalar.

É oportuno registrar em relação ao mercado de trabalho atual, que a oferta maior de emprego corresponde à área hospitalar.

A atuação profissional na área de saúde pública passou a ter maior contingente de enfermeiro somente a partir de 1979, quando foi implantado o programa de Ações Integradas de Saúde (AIS) como estratégia de integração programática entre as instituições de saúde a nível Federal, Estadual e Municipal. Em nosso estudo foi constatado que a atuação em unidades de serviços básicos de saúde, corresponde a 32,3% da população estudada.

Verifica-se ainda, que grande maioria (85,2%) dos enfermeiros ocuparam cargos de chefia de unidades de enfermagem e de supervisão, no primeiro emprego.

Acreditamos, que devido a complexidade desses cargos, seria interessante que o recém-graduado, adquirisse experiência na liderança de pequenos grupos e na assistência direta aos clientes, para somente mais tarde assumir cargos complexos, a fim de não ser levado a ter medo e insegurança, o que poderia diminuir seu grau de insatisfação no exercício da profissão.

Uma realidade incontestável, refere-se ao fato de que

a escola procura propiciar ao aluno todas as atividades que desempenhará como profissional, contudo, o recém-graduado encontrará um mundo com realidades diferentes dos desenvolvidos em campo de estágio, sendo este um dos grandes motivos da ansiedade e insegurança do profissional que inicia sua carreira.

Acreditamos, que à medida em que o futuro profissional tenha oportunidade de desenvolver-se em habilidades práticas, menor dificuldade terá ao iniciar a profissão.

Nesse sentido, deve-se dar maior estímulo à realização de estágios extra-curriculares com o duplo objetivo de colocar em prática seus conhecimentos e diminuir a insegurança na prestação de cuidados aos clientes. Pode-se, também, considerar como alternativa válida, tanto para suprir as dificuldades eventuais do curso profissionalizante como para proporcionar ao aluno maior tempo para desenvolvimento de habilidades, aliado à fundamentação científica de todos os procedimentos envolvidos na prática assistencial, a criação do internato ou residência em enfermagem.

Procuramos neste estudo, pesquisar a percepção do recém-graduado quanto ao seu preparo para desempenhar as atividades profissionais. Verificou-se como se observa na tabela 2, que 44,1% dos enfermeiros consideram-se preparados para desempenhar as funções inerentes ao cargo que ocupavam, em enunciados como “não houve problemas, pois eu tinha feito habilitação em saúde pública”; “não me sentia completamente satisfeito com as funções, mas senti-me seguro no que fazia”; “preparado para o cargo pois já trabalhava há nove meses, enquanto estudante”; “muito bem pois já realizava estágio remunerado na própria instituição”.

Os enfermeiros que responderam que se sentiram inseguros (32,4%), manifestaram seu parecer em frases como “inicialmente inseguro, mas com vontade de vencer”; “inseguro frente ao peso da responsabilidade, mas satisfeito por exercer a função da minha profissão”; “com

alguma insegurança que foi amenizada com o tempo”.

Observa-se, ainda na tabela 2 que 14,7% dos enfermeiros sentiram-se ansiosos no desempenho de suas funções, em citações como “ansiosos e amedrontado”; “ansioso devido à sobrecarga de funções em hospital pequeno”; “Senti-me preparado para as funções técnicas, mas despreparado para as administrativas”.

Conforme os enunciados, pode-se inferir, que na nossa realidade, a dualidade representada por atividade assistencial e administrativa é causa de problemas no início da vida profissional dos recém-graduados.

Foi constatado também que 8,8% dos enfermeiros, referiram que sentiram-se desorientados no início do exercício profissional.

Em relação aos sentimentos manifestados pela população deste estudo, no primeiro emprego, a análise global desta tabela, merece uma profunda reflexão no sentido de minimizar as dificuldades encontradas pelos alunos egressos da Universidade. Seria de fundamental importância, que a escola tivesse condições de efetuar um seguimento desses graduados, especialmente no primeiro emprego, no sentido de orientar e/ou aconselhar, de acordo com as dificuldades manifestadas.

KRAUSE apud IDE et alii⁹ afirma que “por mais que a universidade se ajuste às necessidades sociais presentes, dificilmente poderá chegar a formar um profissional sob medida para um setor do mercado de trabalho”. Cita ainda, que as instituições devem continuar treinando seus servidores para as funções que irão desempenhar e que esta responsabilidade, é também dos órgãos empregadores.

Em relação as expectativas (tabela 3) procuramos neste estudo, identificar se as mesmas foram atingidas, considerando as atividades em início de carreira profissional.

É importante, considerar algumas citações dos recém-graduados como “por não poder exercer atividades exclusivamente assistenciais”; “o enfermeiro exerce funções diversas e muito diferentes daquelas às quais foi preparado”; e ainda “distanciamento de resposta imediatas e necessidade de aplicar os conteúdos vistos na Universidade”.

Um dos aspectos que contribue para expectativas negativas refere-se ao fato de que o aluno, na maioria das vezes, elabora mentalmente suas expectativas tendo como parâmetro seu campo de atuação enquanto aluno, desconhecendo outra realidade além do hospital-escola. Numa tentativa de atenuar a ansiedade sentida pelo estudante já no término do curso, quando começa a se preocupar com necessidade de emprego, condições do mercado de trabalho, dentro da programação da disciplina de Administração em Assistência de Enfermagem, são feitas visitas a, diversas instituições de saúde, onde procura-se apresentar e discutir as características das mesmas, tipo de organização e problemas sentidos.

Acreditamos que este tipo de atividade propicia ao aluno uma idéia geral das instituições e parece-nos que tem

contribuído para que as expectativas dos formandos se faça de forma mais concreta.

Neste estudo, procuramos verificar qual a percepção dos enfermeiros sobre a profissão (tabela 4), e constatamos que 14,7% desses profissionais perceberam que a Universidade não prepara o aluno para assumir determinadas funções.

Embora o estudo não tenha possibilitado, identificar todos os aspectos da discrepância evidenciada — formação/atuação — pode-se inferir que muito provavelmente o despreparo deve estar relacionado ao enfoque teórico das disciplinas como um todo, bem como a realização de estágios priorizando os aspectos curativos, a nível hospitalar (93,7% da carga horária total).

Acredita-se que a mudança dos programas oficiais de assistência primária e secundária, implicará em mudanças ou reajustes na grade curricular, tentando adequar a formação do aluno tanto para desempenho de atividades em hospitais como para atender às necessidades de saúde da comunidade.

Um outro aspecto a ser considerado, diz respeito à integração docente-assistencial, que possibilitaria ao estudante maior liberdade de atuação na unidade onde desenvolve estágio, sob a supervisão não apenas do docente, mas também do enfermeiro da unidade. Para que o ensino não fique tão distanciado da realidade, os elementos envolvidos na integração, ou seja, aluno-docente-enfermeiro, deveriam compartilhar todas as funções, de forma que o aluno pudesse ter uma visão global dos problemas e dificuldades administrativas, assistenciais e potencial de atuação do pessoal lotado na unidade. Acreditamos, que uma ação em conjunto, especialmente na disciplina de Administração em Assistência de Enfermagem, muito contribuiria para minimizar as dificuldades encontradas pelos alunos depois de formados; além disso, o nível assistencial ao paciente, certamente melhoraria.

Ainda pela análise da tabela 4, constatam-se que 20,6% dos enfermeiros têm a percepção de que a enfermagem é uma profissão que exige muita responsabilidade aliada a um desgaste físico e mental, sem compensação financeira.

Sabe-se, que a valorização de uma profissão tem muito a ver com a sua história, nesse contexto, a enfermagem, tem sofrido influências negativas do passado.

É oportuno salientar que, das profissões de saúde, a enfermagem é a única que não é exercida exclusivamente pelo seu titular de direito — o enfermeiro —; a existência de outras categorias na equipe é um dos fatores que constituem para a não valorização do profissional.

Os resultados da tabela 5, nos permite analisar, que devido a multiplicidade de funções desenvolvidas pelo profissional de enfermagem, existe uma certa coerência na distribuição do tempo entre as diversas funções. Cumpre-nos salientar que significativo número de enfermeiros não

responderam a questão em termos de tempo, o que dificultou a percepção real da divisão proporcional entre as atividades gerenciais e assistenciais. Contudo, os dados obtidos possibilitam inferir que a maioria dos enfermeiros dedicaram pouco tempo em cuidados diretos aos clientes, deduzindo-se que essa atividade ficou a cargo dos demais componentes da equipe de enfermagem. Apenas 6 enfermeiros dedicaram mais de 50% do seu tempo diário de trabalho, para prestar cuidados diretos aos pacientes.

Isto revela mais uma vez, que por determinação de fatores oriundos de aspectos sócio-econômicos, o que se observa freqüentemente, é que as instituições de saúde, especialmente os hospitais, utilizam o enfermeiro para auxiliar a Administração no controle dos gastos, encaminhamentos burocráticos diversos, supervisão de pessoal ou para solucionar problemas de deficiências de infraestrutura dos serviços de apoio. Isso significa, que a atividade prioritária, ou seja, a assistência direta ao cliente é relegada a um plano inferior sendo causa de frustração no desempenho da profissão.

Concluindo, é possível verificar, que embora este estudo tenha respondido aos objetivos a que propusemos, apresentando limitações, podendo-se questionar e despertar novos trabalhos sobre o assunto, especialmente nesta época em que a profissão de enfermagem, atravessa profundas mudanças em relação aos sistemas de saúde e quanto ao papel e funções do enfermeiro.

5 - CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Os dados do presente trabalho nos permite concluir que:

1. Em relação ao cargo ocupado e funções desempenhadas no primeiro emprego, expressivo percentual (85,2% dos enfermeiros ao ingressarem na vida profissional, assumiram cargos de supervisão e de chefia de unidades de enfermagem, desempenhando funções assistenciais, educativas e administrativas;
2. Quanto às expectativas dos recém-graduados constatou-se que:
 - a maioria (67,6%) dos enfermeiros atingiram suas expectativas;
3. Quanto às percepções dos enfermeiros, (58,8%) sentem necessidade de definições do seu espaço na equipe de saúde, maior autonomia e valorização da atividade assistencial e melhores condições de trabalho.
 - A enfermagem é uma profissão que exige muita responsabilidade, e que leva a um grande desgaste físico e mental, sem compensação financeira (20,6%)
 - Levando-se em consideração os resultados do estudo, sugerimos:
 1. Que se crie o internato ou residência em enfermagem, para que o estudante permaneça mais tempo em contato com os pacientes e com os problemas das instituições;
 2. Que as Escolas de Enfermagem, mantenham em sua programação anual, encontros com recém-graduados para troca de experiências.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

1. Que cargo ocupou no primeiro emprego?

2. Como se sentiu exercendo as funções inerentes ao cargo ocupado no primeiro emprego?

3. Em que unidade de enfermagem atuou no primeiro emprego?

() Unidade de internação em hospital de pequeno, médio de grande porte.

() Unidade de atendimento em hospital de pequeno, médio e grande porte.

() Unidade de serviços básicos de saúde.

- () Outras: Quais? _____
4. Quais suas expectativas em relação as atividades que esperava desempenhar como profissional?
- . Assistência direta aos clientes na instituição:
 - hospitalar ()
 - . não hospitalar ()
 - . Atividades gerenciais ()
 - . Atividades de ensino:
 - 2º grau ()
 - 3º grau ()
 - . Outras atividades - especifique: _____
5. No exercício da profissão, durante o primeiro emprego, como distribuiu seu tempo entre as funções abaixo?
- . planejamento da assistência ao cliente () horas diárias
 - . cuidado direto ao cliente () " "
 - . consulta de enfermagem () " "
 - . atividades gerenciais () " "
 - . ações educativas () " "
 - . pesquisa () " "
 - . outras atividades - especifique: _____
6. Qual a sua percepção sobre o exercício da profissão?
- _____
- _____

ABSTRACT

The present study aims to identify the functions executed by nurses on their first job, their expectations and perceptions concerning professional practice. The results show that their expectations were met in their great majority and that the perceptions towards professional practice were not very encouraging, due to role indefiniton in the health team, lack of a greater autonomy with nursing care valorization and better work conditions. The nurses showed a certain coherency on distributing time for developing the functions of the position.

KEY-WORDS: *Functions, expectations, of the perceptions nuses.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - ALMEIDA, M.H. & OLIVEIRA, C. Curso de especialização médico-cirúrgica sob a forma de residência - relato de experiência de 1º ano. *Rev. Bras. Enf.*, Porto Alegre, 28(2): 88-97, abr./mai./jun., 1975.
- 2 - ANGERAMI, E.L.S. & ALMEIDA, M.C.P. de. De como o enfermeiro está inserido no seu espaço. *Rev. Bras. Enf.*, Porto Alegre, 36(2): 123-29, abr./mai./jun., 1983.
- 3 - BALIELO, V. *Análise das atividades do pessoal de enfermagem de um hospital-escola.* Porto Alegre, 1981. p. 42-70. Tese (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- 5 – BARROS, S.M.P.F. & ARAÚJO, M.J.S. Prática administrativa de enfermagem na rede de serviços de saúde. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 36(3/4): 255-59, jul./dez., 1983.
- 6 – BOEMER, M.R. Funções da enfermeira e suas perspectivas. *Rev. Enf. Novas Dimensões*, São Paulo, 2(3): 170-73, jul./ago., 1976.
- 7 – BURLAMAQUE, C.S. et alii. O trabalho na enfermagem; condições e alternativas. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, 5(2): 173-83, jul., 1984.
- 8 – CARVALHO, V. & CASTRO, I.B. Reflexões sobre a prática de enfermagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 31, Fortaleza, 1979. *Anais...* Brasília, Associação Brasileira de Enfermagem, 1979, p. 51-9.
- 9 – FERREIRA-SANTOS, C.A. *A enfermeira como categoria ocupacional, num moderno hospital-escola brasileiro*. Ribeirão Preto, 1973. p. 16-20. Tese (Doutoramento). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 10 – IDE, C.A.C. et alii. O seguimento do graduado em enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 19(3): 195-211, dez., 1985.
- 11 – MARINHO, A. et alii. Análise de funções de enfermagem em uma unidade de clínica médica de hospital universitário. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, 6(2): 237-45, jul., 1985.
- 12 – MELO, C. *Divisão social do trabalho e enfermagem*. São Paulo, Cortez, 1986. 94p.
- 13 – MENDES, D. de C. Assistência de Enfermagem e administração de serviço de enfermagem; a ambiguidade funcional do enfermeiro. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 38(3/4): 257-65, jul./dez., 1985.
- 14 – SCOCH, M.J. et alii. Saúde para todos. O ele existente entre saúde e política sócio-econômica. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 35(1): 131-39, jan./mar., 1982.
- 15 – SOUZA, M.D.P. de. Perspectivas quanto à formação do enfermeiro. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, 6(2): 317-23, jul., 1985.
- 16 – TREVISAN, M.A. et alii. Atividades administrativas desempenhadas por enfermeiros chefes. *Rev. Paul. Hosp.*, São Paulo, 28(7): 204-10, 1980.
- 17 – WITT, R.R. et alii. Percepção da equipe multidisciplinar de saúde a respeito da atuação do enfermeiro em saúde comunitária. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, 6(1): 35-34, 1985.

- 5 – BARROS, S.M.P.F. & ARAÚJO, M.J.S. Prática administrativa de enfermagem na rede de serviços de saúde. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 36(3/4): 255-59, jul./dez., 1983.
- 6 – BOEMER, M.R. Funções da enfermeira e suas perspectivas. *Rev. Enf. Novas Dimensões*, São Paulo, 2(3): 170-73, jul./ago., 1976.
- 7 – BURLAMAQUE, C.S. et alii. O trabalho na enfermagem; condições e alternativas. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, 5(2): 173-83, jul., 1984.
- 8 – CARVALHO, V. & CASTRO, I.B. Reflexões sobre a prática de enfermagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 31, Fortaleza, 1979. *Anais..* Brasília, Associação Brasileira de Enfermagem, 1979, p. 51-9.
- 9 – FERREIRA-SANTOS, C.A. *A enfermeira como categoria ocupacional, num moderno hospital-escola brasileiro*. Ribeirão Preto, 1973. p. 16-20. Tese (Doutoramento). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- 10 – IDE, C.A.C. et alii. O seguimento do graduado em enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 19(3): 195-211, dez., 1985.
- 11 – MARINHO, A. et alii. Análise de funções de enfermagem em uma unidade de clínica médica de hospital universitário. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, 6(2): 237-45, jul., 1985.
- 12 – MELO, C. *Divisão social do trabalho e enfermagem*. São Paulo, Cortez, 1986. 94p.
- 13 – MENDES, D. de C. Assistência de Enfermagem e administração de serviço de enfermagem; a ambiguidade funcional do enfermeiro. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 38(3/4): 257-65, jul./dez., 1985.
- 14 – SCOCH, M.J. et alii. Saúde para todos. O ele existente entre saúde e política sócio-econômica. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 35(1): 131-39, jan./mar., 1982.
- 15 – SOUZA, M.D.P. de. Perspectivas quanto à formação do enfermeiro. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, 6(2): 317-23, jul., 1985.
- 16 – TREVISAN, M.A. et alii. Atividades administrativas desempenhadas por enfermeiros chefes. *Rev. Paul. Hosp.*, São Paulo, 28(7): 204-10, 1980.
- 17 – WITT, R.R. et alii. Percepção da equipe multidisciplinar de saúde a respeito da atuação do enfermeiro em saúde comunitária. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, 6(1): 35-34, 1985.